Raios de sol no caminho

Esther Lucena

O relato de uma jornada missionária em campo transcultural fechado: Depoimento

O BARCO DESLIZA SUAVEMENTE SOBRE AS ÁGUAS turquesa do Mediterrâneo, ao ritmo ensurdecedor de muitas vozes e idiomas. Senhoras de túnicas longas e lenços coloridos meneiam a cabeça, indiscretamente, olhando os trajes modernos de turistas que, indiferentes, consultam seus mapas e livros de turismo. Com minha roupa nem moderna nem conservadora, sem nenhum idioma em comum com os viajantes, sem mapa, sem livro de turismo, estou no mesmo barco, rumo ao mesmo país.

Sinto-me invadida por um profundo desejo de aprender novos idiomas, descobrir 'a melhor forma de me vestir', conhecer pessoas e apronfudar vínculos, descobrir a beleza de suas terras e a profundidade de suas almas. Ler mapa? Nem pensar! Seria pedir demais a uma nordestina da roça cujos pontos de referência foram por muito tempo o pé de juazeiro, a porteira azul, o curral de arame…

Levo comigo uma mochila pesada e, *mas tento manter o coraçao leve*: a emoção de ir para um país sonhado, incrustado no Norte da África, de enfrentar o novo, o desconhecido. A vontade de chegar até aqui já vem de longa data. Nasceu com o desejo de obedecer a Deus e de segui-lo com fé. *Chama* ardente, à qual damos o nome de vocação ou *Chama*-do.

Chegamos ao porto. Poucas horas de viagem e já estamos em outro país. O empurra-empurra, a barulheira. Olho para minha companheira de viagem e tento exibir uma atitude confiante, mas, na verdade, nem sei pra que lado ir; melhor seguir a multidão.

Biografía autor

Traductor: nombre

© 2007 Misiopedia de la edición española (portuguesa)

Segundo nossos cálculos, o trem sairá em poucos minutos. Apressamos o passo, mesmo nos equilibrando sob o peso das mochilas e do temor. Por pouco não perdemos o trem; desajeitadas, sentamos nas poltronas, olhando desconfiadas para os demais viajantes. Eles nos recebem com sorrisos e frases que parecem ser de boas-vindas. Apesar da tentação de retribuir o sorriso, continuamos sérias e discretas, pois nos haviam aconselhado a ser prudentes e muito cuidadosas. Obedecemos a isso por uma meia hora, até que a fome aperta e não temos escolha, senão aceitar os sanduíches e frutas que eles nos oferecem com insistência. Na verdade, como diz o provérbio, "a um bom entendedor poucas palavras bastam"; contudo, descobrimos que, para um faminto, não há necessidade de palavras. É aí, então, que o estranho vira conhecido e que as regras se tornam questionáveis.

A paisagem capturada pela janela é deslumbrante: flores amarelas e violeta se mesclam à margem do caminho enquanto oliveiras em filas intermináveis exibem sua força e singeleza. Crianças, mulheres e homens retornam a suas casas, ostentando roupas coloridas e exóticas (para mim). Fico fascinada diante de tanta beleza. Tento me concentrar, ler meu caderno de anotações, rememorizar lições aprendidas, entretanto a vista fascinante detém minha atenção. Decido acolher a beleza do momento como oferta de Deus, como um bem-vindo colorido de uma terra que há muito amo.

Outra vez sou invadida pela emoção, pela alegria de estar neste país. Lágrimas traem meu intento de discrição e rolam abundantemente – lágrimas de felicidade, de realização, de surpresa. Reconhecimento e gratidão se misturam diante da força das promessas de Deus.

O vento do Espírito sopra neste trem, nestas terras, nestas casas. Vento que não se limita a nossas receitas e não se deixa aprisionar por nossas instituições. Vento que movimenta meus pensamentos, afasta meus medos e acalma meu coração. Vento livre que sopra onde quer!

As horas passam lentamente: uma palavra aqui, um gesto ali, algo em inglês, algo mais em francês, *alguito* em espanhol... Nem um sopro em minha língua materna. Tento driblar minha ignorância, rir de minha situação. Anotações, palavras novas, sons impronunciáveis. Começamos nossa primeira aula de idiomas neste vagão. Para ser sincera, já me sinto reprovada e condenada ao fracasso. Há um sentimento de impotência e frustração. Em momentos como este, a certeza da vocação, fortalecida pelo carinho de irmãos, agências e grupos de apoio, ajuda-nos a recuperar o ânimo e a continuar a caminhada.

Caminho longo, balanço do trem, sons que se misturam, vista turva e cansaço vencem o desejo de aprender. Dormimos. O sono é intranquilo, com olhadas constantes ao relógio para não perdermos a hora da chegada. Finalmente chegamos! Alguém nos espera com um sorriso grande e simpático; caminhamos até o taxi e ali assistimos a uma enorme discussão entre nosso anfitrião e o motorista. Pelo tom de voz, parece que a briga é feia, mas eles terminam se abraçando e trocando um caloroso aperto de mão – fim da negociação, preço acertado. Supondo que a discussão faz parte do ritual de negociação de preços, típico da cultura

local, registramos o fato em nosso caderno de anotações. Sentimo-nos menos ignorantes ao entender tal comportamento. Agradecida, lembro-me dos professores que, com tanta dedicação, contribuíram para nossa formação acreditando no propósito de Deus para nós.

Primeiro dia no país: alto-falantes convocam à oração, músicas altas e incompreensíveis enchem nossos ouvidos, as ruas fervilham de gente, a medina serpenteia de ruelas pequenas e misteriosas. Crianças de sorriso e olhos grandes povoam as ruas, mulheres com suas *jilaba*s, lenços, joias e histórias despertam nossa curiosidade e desejo de compartilhar.

O mercado é repleto de pequenos *hanuts*, onde se vende de quase tudo. Os vendedores insistem em se comunicar em todos os idiomas, inclusive no meu. As bancas, com uma infinidade de legumes e frutas, competem com montanhas de azeitonas. Curvas sinuosas de pães de diversos sabores se misturam com colinas coloridas de temperos exóticos que exalam um perfume gostoso e marcante.

As primeiras impressões marcam profundamente; provocam sentimentos distintos: desarma, incomoda, encoraja.

Essa revelação de cores e sabores desperta o desejo de comunicar, de entender rituais e costumes, de encontrar o caminho no labirinto de ruas estreitas, de negociar preços, de trocar experiências, tecer vínculos e construir amizades, de compartilhar sonhos e histórias. Um forte desejo, acima de tudo, de deixar a Palavra de Deus saltar de encontros profundos e significativos.

As primeiras impressões marcam profundamente, ameaçam teorias e conhecimentos cristalizados. Esse jeito como as pessoas olham, sorriem e me acolhem provoca sentimentos distintos: desarma, incomoda, encoraja. Encontro-me nelas, sedentas da graça de Deus. Confronto-me com minha fragilidade: não sei nada, não posso me exprimir, tudo parece estranho. Sinto-me meio desorientada: será este o primeiro choque transcultural ou uma sincera visão de minha realidade?

A Palavra de Deus consola; o exemplo de Jesus desafia: “Ele, sendo Deus […] esvaziou-se a si mesmo […].” E nós, quem somos neste novo contexto? Um novo tipo de *colonizador*? Um professor pretensioso com seu manual de instruções ou um discípulo no caminho, pronto a esvaziar-se para que as pessoas vejam Jesus na singeleza de vasos de barro? A escolha não é tão óbvia quanto parece; demanda humildade, oração e apoio de pessoas que ousam nos desafiar, ensinar e questionar com amor.

A alma do obreiro parece viver de questionamentos, de esperança, de sonhos. Como a alma do agricultor, joga a semente e acredita na chuva; põe a mão no arado e não olha para trás. Alma que vive de fé e reinventa um novo movimento ao ritmo da vocação e do chamado. Alma que luta para não desistir mesmo quando a colheita demora a vir, ou não vem; mesmo quando tem que se transformar em grão e morrer para não ficar sozinha.

Segundo dia, terceiro dia, décimo dia, outro dia. O aprendizado, os desafios, as gafes, a culpa, o orgulho, o medo. Parece que ali, quando a cultura não é espelho, vemo-nos feios e desajeitados. Parece que a mente começa a rejeitar o que não está acostumada a viver e a

controlar. A primeira atitude pode ser a de se esconder, procurar um *porto*, comprar passagens para alguma *Társis*, inventar um gueto – estratégias, regras, receitas, muralhas, tudo para nos proteger, para nos desviar da profundidade dos vínculos.

A Palavra vem em nosso socorro: *o Verbo que se fez carne*. O desejo de servir, de amar, de deixar Cristo se revelar muito além do que somos e do que podemos fazer. Aí nosso testemunho é silêncio que deve manifestar a ternura de Cristo; silêncio que, na maioria das vezes, incomoda e fragiliza, acostumados que somos a tantos ruídos.

Companheiros mais experientes nos socorrem com histórias engraçadas, amizade sincera, paciência, orações, um versículo, uma meia de lã, um bolo de cenoura, uma poesia. Lembro-me de tantos deles. Aqueles de quem o tempo, o cansaço, a falta de recursos não conseguiram roubar o sorriso nem apagar a chama. Aqueles que souberam criar vínculos, gritar por socorro e se jogar nos braços amigos sem medo de demonstrar fraquezas, de ser julgados como menos espirituais. Aqueles que não quiseram se esconder atrás de uma espiritualidade vazia.

Tantas "Fátimas" desta terra despertam em mim a lembrança das "Marias" de meu país, muitas vezes sem voz, sem riso, sem amor.

Somos confrontados com o desafio de ser honestos com nós mesmos, de ter nosso caráter forjado na medida do caráter de Cristo, de construir uma teologia de missões que considere o humano e acredite profundamente na graça de Deus, que não celebre o heroísmo nem encoraje a vitimização.

As curvas da medina, o calor do *hamam*, o cheiro do jasmim, o sabor do chá de menta, os rituais, os desenhos de *henna* nas mãos de mulheres lindas e misteriosas, outras sofridas, algumas outras eternamente escondidas atrás de um fogão, de um véu, de uma tristeza. Tantas "Fátimas" desta terra despertam em mim a lembrança das "Marias" de meu país, muitas vezes sem voz, sem riso, sem amor. Não despertariam elas em mim minhas próprias dores e temores? Somos todos os obreiros completamente saudáveis e sem traumas? Negar nossa humanidade não seria uma forma de nos empurrar para uma farsa e nos deixar vulneráveis à armadilha do orgulho e do engano? Como escapar dessa tentação e redescobrir nossa vocação de servos, de instrumentos de paz e de reconciliação? Como caminhar silenciosos no anonimato destas ruas, destas medinas, destes desertos e oásis conscientes de nosso caráter provisório e certos de que a palavra final não é a nossa, mas é a glória de nosso Deus?

Será que não atentamos contra a saúde quando negamos nossa humanidade e que, no afã de ganhar o mundo, perdemos a alma? Será que não somos tentados a esconder nossa humanidade e a não revelar nossa fragilidade? Perguntas e vulnerabilidade se misturam para evidenciar a grandeza do amor e da graça de Deus, que nos encontra nos encaracolados caminhos da medina e de nossos conflitos.

Nesse encontro com o Deus da graça, apresenta-se a oportunidade de nos reencontramos mais íntegros e saudáveis. E, nesse caminhar de serviço e relacionamentos, desfrutamos o privilégio de participar da existência de Deus no mundo. Como, porém, restaurar a missão de Cristo e o modelo de serviço humilde, simples e despojado que nos libera

das marcas doentias da religião desencarnada e das relações de poder? Como não tornar a missão uma inimiga do Evangelho e, consequentemente, de nossa saúde? Como não nos deixar escravizar pela sedução do sucesso? Afinal de contas, não estariam muitas de nossas preocupações enraizadas em um "modelo religioso" sedento de estatísticas? Não está nossa frustração ancorada no mar de nosso desejo de atender a expectativas e ostentar resultados? Perguntas e mais perguntas. Louvamos a Deus pelo valioso esforço feito por agências e distintos grupos de diferentes missões para entender a complexidade em que a Missão vive e reencontrar seu caráter humilde e simples, por meio do qual o obreiro, sem dúvida também humano, expressa a beleza do amor e da graça divina.

Privilégio de servir, sabor da ação de Deus, belo paradoxo em que o que é fraco se torna forte, o que não é nada toma sentido, o que é pobre carrega tesouro e o que não é importante se torna significativo. Alegria de redescobrir, nos caminhos de nosso ser, a vocação de servo, de irmão do Corpo encarnado.

Reencontrar o sentido do Corpo, da comunidade e assumir nossa necessidade de liberação e cura. Caminhar em direção ao outro sem medo de revelar nossas fraquezas e de expor nossas limitações. É um aprendizado constante que nos confronta e desafia, sobretudo quando nos sentimos ridículos e ridicularizados, frágeis e fragilizados; quando nos esquecemos de nos identificar com o esvaziar de Cristo.

Nossa preparação teológica tem seu valor, mas não responde a todas as perguntas. Só o caráter de Cristo formado em nós pode nos capacitar a ser pacientes quando a língua fica travada, incapaz de pronunciar alguns fonemas. Só as orações balbuciadas no meio das lágrimas podem nos socorrer quando nos sentimos ridículos e desorientados; só o apoio do Corpo de Cristo, pode nos animar quando nos sentimos rejeitados e completamente perdidos; só o amor de Deus pode nos consolar quando o fruto não chega, a figueira não floresce e não há ovelhas nos campos.

É aí que novos aprendizados parecem acontecer: a língua se desbloqueia, o milagre acontece, começamos a tecer fios de palavras e nos fazemos entender. A alma festeja, e as frases fluem, mas comunicar vai além de falar, de decodificar códigos e símbolos; falar passa pelo coração, pela alma. Para compartilhar a profundidade e singeleza do amor de Deus, a palavra desnuda não basta; ela precisa vestir-se de amor, encarnar-se no encontro, na entrega, no compartilhar, na mesa onde o pão rompido mostra o rosto de Cristo.

Como o fogão de lenha, a missão precisa resistir ao fascínio das novas invenções: não tomar atalhos, não paliar a dor, não fugir do sofrimento; acima de tudo, não se esquivar da cruz. O sabor especial da comida passa pela paciência da panela de barro, que se deixa marcar pelo fogo. A missão também precisa ser marcada; paciente, ela precisa deixar-se queimar pelo fogo do Espírito.

Nesse fogão de lenha, como panelas de barro, somos convidados a servir, a aprender a ser pacientes, a enfrentar e vencer os desafios

de respeitar pontos de vista diferentes, de acolher opiniões contrárias à nossa, de não permitir que o supérfluo vire o mais importante. Somos convidados a ter maturidade para conviver com o colega que teve outra formação, que tem outra compreensão de contextualização, que come de forma diferente. Somos convidadas a ter braços e coração abertos para acolher a diversidade do Corpo.

Anotações em folhas amareladas me fazem relembrar a batalha que se trava no próprio Corpo, na comunidade de fé. Desafio constante de não deixar as diferenças ameaçarem a unidade e a beleza do encontro e o privilégio do compartilhar. Batalhas sem trégua se travam nos recantos de nosso ser; temores e insegurança se fantasiam de um saber pretensioso que nos faz tropeçar em nossas próprias incoerências. Sem entender tudo, sentimos a extrema necessidade de depender de Deus, de deixar o coração ser aquecido pelos raios de seu amor.

São raios que enchem a estrada de luz e de cores, que afastam trevas e nos ajudam a entender que a missão é Missão de Deus, que não precisamos nos curvar ao peso da pretensão do fazer, da tirania dos números, da tortura do sucesso. A missão é leve: *Missio Dei*; é folha levada *nas asas do vento e no fluir da graça*. Graça que se expressa no abraço aconchegante de tantos irmãos, na beleza surpreendente do Corpo de Cristo, nas orações dos que são vocacionados para nos apoiar, para nos amar, para orar por nós, para chorar e rir conosco. Graça que é bálsamo discreto de cuidado e afeto que nos enchem de esperança e ânimo para prosseguir com fé naquele que nos chamou para servir em contextos que nos desafiam e muitas vezes amedrontam e ameaçam; em lugares de gente preciosa, mas não raro marcados por perseguição e opressão espiritual. E, nesse caminhar de cada dia, é fundamental não se deixar aprisionar pelo medo, não ser guiado por preconceitos. Imprescindível, também, é aprender a ser prudente, discreto, coerente, ousado, mas, sobretudo, a abrir o coração para amar e amar sem reservas, sem cálculos.

Estresse, cansaço, solidão, alegria, celebração, fé... O missionário não é herói nem vítima; é servo.

Contar, sim, com o apoio da comunidade, da equipe e dos irmãos que nos acompanham com lealdade e, se algumas ou muitas vezes nos sentirmos abandonados, incompreendidos, julgados ou simplesmente transformados em máquina de trabalho, tentar não guardar essas contas no coração. Melhor mesmo é contar estrelas se pudermos contá-las, contar bênçãos se pudermos contá-las, contar a história do amor de Deus. Oferecer outra vez nossas vidas para que Ele nos mantenha saudáveis e permita que o tesouro de seu amor se revele através de belos vasos de argila.

Estresse, cansaço, solidão, alegria, celebração, fé... O missionário não é herói nem vítima; é servo. Servir no anonimato pode não ser fácil, entretanto é bom lembrar que os desertos sempre escondem um oásis em algum lugar. Celebremos, então, o saltar da água e o fluir da graça maravilhosa do Deus que nunca abandona e que nos ensina a não abandonar, mas a acompanhar com fidelidade, cuidando-nos uns dos outros por todos os cantos por onde o vento do Espírito nos levar!

Só a Ele a Glória pelos séculos dos séculos!